

○ trauma na televisão: *ethos* testemunhal e discurso terapêutico num talk-show¹

Igor Sacramento

Introdução

Este artigo tem como objetivo principal analisar as manifestações do discurso terapêutico contemporâneo no programa *Encontro com Fátima Bernardes* entre 2012 e 2015, considerando especialmente os relatos pessoais de celebridades e anônimos sobre experiências consideradas traumáticas pelo programa. Para tanto, serão considerados, pela observação das inserções do programa com o tema “trauma”, os seguintes aspectos: 1) o que está em jogo na ampliação da definição de trauma e na classificação de determinadas experiências como traumáticas; e 2) o que é valorizado pelo programa em termos de relato de traumas. Essas transformações se dentro de uma cultura terapêutica: “uma cultura torna-se terapêutica quando essa forma de pensar se expande de informar a relação entre o indivíduo e o terapeuta para moldar a percepção pública sobre uma variedade de questões” (Furedi, 2004: 22). Assim, o discurso terapêutico em circulação na sociedade se torna uma ferramenta de controle pessoal, ou de gestão da subjetividade, como demonstrarei na análise.

A escolha de *Encontro com Fátima Bernardes* se deveu ao fato de o programa procurar ter um clima informal, remetendo à encenação do ambiente doméstico (uma sala de estar, onde a apresentadora recebe os seus convidados num enorme sofá no centro do estúdio). O programa, assim como muitos talk shows no Brasil (cf. Silva, 2013), promove uma mistura de temas de interesse público com a vida privada, ao focar em acontecimentos cotidianos discutidos por meio de relatos pessoais de anônimos e celebridades. O programa conta, assim, com uma forte estratégia de pessoalização discursiva. As histórias contadas são pessoais, tendo o intuito de constituir uma relação

de intimidade e de identificação com o público mediada pela apresentadora. São frequentes no programa temas sobre comportamento, saúde, preconceito, moda, beleza, fama, qualidade de vida, histórias de superação e relacionamento.

Lançado em 25 de junho de 2012, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* marca a transição da jornalista para a área de entretenimento. Ela se destacou no telejornalismo brasileiro como apresentadora do *Jornal Nacional*, telejornal de maior audiência, mais antigo e de maior prestígio no país. O programa *Encontro com Fátima Bernardes* desde o início se baseia em relatos pessoais (de celebridades e anônimos) sobre determinado assunto. No primeiro mês do programa, os temas eram por semana. Depois, os programas passaram contar com um assunto principal por dia.

No dia 26 de junho de 2012, um dia após a estreia do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, para *O Estado de São Paulo*, Cristina Padiglione escreveu que, apesar de a apresentadora ser um “poço de simpatia”, a estreia da jornalista num programa de entretenimento “denuncia os vícios de uma profissional treinada e habituada a anos de exercício para não se comover, ou se comover com muita contenção, diante das notícias e entrevistas feitas para o sóbrio *Jornal Nacional*” (*O Estado de S. Paulo*, 26/06/2012, p.40). A crítica de TV nota que faltava comoção à Fátima Bernardes: “Todo relato merece dela um “obrigada” no mesmo tom. Pode ser a história mais triste do mundo, a mais bem-sucedida, e Fátima responde: “obrigada”. O pedido pela comoção tem a ver com o fato de os talk shows – tal qual *Encontro com Fátima* –, além de endereçados ao público feminino, tradicionalmente, como gênero televisivo, focarem na emoção, nas histórias pessoais e no relacionamento cenicamente íntimo entre a apresentadora, os convidados e a plateia (Shattuc, 1997). Ao longo do tempo, o programa foi assumindo um formato mais pessoal, emocional e focado nas experiências dos convidados e da própria apresentadora sobre determinados assuntos, contando com a participação de especialistas.

A partir do acesso ao acervo de vídeos do programa pelo site (<http://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/>) com uma busca pela palavra trauma realizada em 10 de fevereiro de 2016, foram encontradas 13 inserções. Para este trabalho, somente foram considerados as inserções entre 2012 e 2016. Além disso, foram apenas tomadas para a análise aquelas que tratam do trauma como transtorno psicológico, excluindo as que abordam traumatismos provocados por toda ordem de eventos que causam danos graves ao corpo, especialmente ao crânio.

Este texto é parte de um programa de pesquisa sobre as articulações do discurso terapêutico na cultura da mídia contemporânea. Diante do acervo online do programa *Encontro com Fátima Bernardes*, neste artigo são analisadas como os relatos pessoais de celebridades e anônimos sobre experiências traumáticas se estruturam de acordo com valores de autoestima, autoaprimoramento e superação. Observo que há nesses relatos um *ethos testemunhal*. Nesse sentido, o *ethos testemunhal* se dá pela capacidade de se legitimar o que se diz pela experiência: o referente da reali-

dade narrada é a própria experiência pretérita do acontecimento daquele que narra (Sacramento e Borges, 2017). Se o ethos designa um procedimento discursivo de produção de confiança no que se enuncia pela imagem construída de quem enuncia e pela situação enunciativa, a legitimação da confiança num relato testemunhal está na própria experiência traumática representada.

Este artigo está dividido em duas partes, para além desta introdução e das considerações finais. A primeira parte aborda as inserções em que a participação da apresentadora, entrevistados e especialistas contribuem para uma determinada definição do trauma e da experiência traumática. Na outra, trata-se da popularização do trauma e da psicologização da vida cotidiana.

Os testemunhos do trauma

No programa do dia 5 de novembro de 2012, um dos temas abordados foi sobre o trauma de vítimas de assalto. A apresentadora Fátima Bernardes relatou uma experiência pessoal. Ela, então, assumiu o lugar de entrevistada e entrou numa conversa com Lair Rennó:

LAIR: Mas qual foi a sua reação?

FÁTIMA: Eu? Eu fiquei paralisada. A gente tentou no máximo falar um pouco com ele dizendo que ia dar tudo certo para ele e que ele ficasse tranquilo porque poderia ir embora. Ele trancou a gente no banheiro depois e foi. Mas, assim, é uma situação que obviamente você carrega para o resto da vida. No meu caso, eu preferi não mudar, porque eu iria levar meu trauma para qualquer lugar. Se eu fosse para um apartamento, para outra casa, não importa. Então, eu tive um apartamento que pegou fogo uma vez e eu me mudei. Mas eu sentia cheiro de fogo. O mais importante é tentar cuidar desse trauma, apagar o máximo que for possível dele para que você consiga recomeçar, mas aí não obrigatoriamente em outro lugar.

A conclusão a que a apresentadora chega é bastante reveladora de como o discurso terapêutico contemporâneo reconfigura a experiência do trauma. Em talk shows, como esse, é comum a acomodação de temas do trauma em cenários narrativos baseados em um movimento que passa do tormento a um reconfortante final feliz, apresentando a “vítima-sobrevivente” como a protagonista de uma épica e, por isso, é alguém a quem se concede um estatuto moral superior (Rothe, 2011: 89).

Além disso, trata-se de um tropo problemático, podendo transformar um conjunto diverso de situações (da violência sexual ao racismo, passando pelo incêndio, o assalto e até mesmo a superstição) como experiências traumáticas importantes na medida em que podem contribuir para o crescimento pessoal. Além da designação extremamente genérica e ampla do trauma, bastante característica do processo de

psicologização da sociedade, em seu relato, Fátima Bernardes foi categórica ao insistir que a superação do trauma se trata de uma capacidade individual: “O mais importante é tentar cuidar desse trauma, apagar o máximo que for possível dele para que você consiga recomeçar, mas aí não obrigatoriamente em outro lugar”. Ou seja, independentemente do que tenha acontecido, o indivíduo é avaliado pelo modo como consegue gerenciar suas próprias emoções no sentido de se mobilizar para sair do estado de sofrimento para o de superação.

No programa *Encontro com Fátima Bernardes*, a construção dessa trama moral de avaliação da capacitação interior ganha, recorrentemente, um novo ingrediente: a personalidade. A própria apresentadora se coloca pessoalmente sobre a sua vida, seus problemas e, sobretudo, sobre a forma como resolveu. A autoridade na prescrição do autocontrole e da autoestima como forma vital para a saúde psíquica é reforçada pelo ethos prévio da jornalista, isto é, pela sua representação pública presumida, reconhecida e consagrada. Como apresentadora do *Jornal Nacional* de 1998 a 2011 juntamente com o marido William Bonner, o casal foi midiaticamente construído como perfeito e tendo uma família feliz, com seus trigêmeos (Hagen, 2004).

Além disso, como jornalistas, se tornaram celebridades. A construção da imagem prévia da apresentadora como uma pessoa feliz, mãe dedicada, esposa fiel e profissional competente confere ainda mais legitimidade ao seu relato, acrescido do fato de ser um relato autobiográfico, que na sociedade contemporânea é creditado pela autoridade experiencial: ter vivido o que relata e por isso sabe mais porque viveu o que conta (Arfuch, 2010).

No dia 7 de maio de 2013, a atriz Giovanna Lancellotti revela que tem trauma do silêncio: “Eu me sinto muito sozinha. Acho que é porque, quando eu me mudei, saí de casa e fui morar sozinha, eu ficava muito tempo sozinha e aí peguei meio que um trauma disso”. Apesar de repetir constantemente o medo da solidão, a atriz não parece demonstrar qualquer sinal de trauma ou de um transtorno. Ela lida com a sua condição de modo extremamente lúdico, dizendo que usa várias formas de driblar para se sentir melhor: deixa a TV ligada, escuta bastante música, conversa com os amigos. Já atriz Fernanda Rodrigues não gosta de ficar em silêncio, sente-se hiperativa e por isso tomou uma decisão: praticar yoga.

Nesse depoimento, é interessante como ela se diagnostica como hiperativa e prescreve a si mesma um tratamento: o yoga. Esse aspecto revela mais uma faceta do discurso terapêutico contemporâneo: transformar atividades físicas, alimentação, a religião e diversos elementos da cultura em procedimentos que permitem o autoaprimoramento e autoconhecimento, como neste caso.

Além disso, nessa mesma linha, Ingrid Guimarães, no programa de 14 de janeiro do mesmo ano, conta que tem “um certo trauminha de infância”. Ela se sentia diferente das outras meninas porque “era muito ruim dançando balé”. Ela queria ser igual as outras e acreditava que estava frustrando a mãe, por não conseguir dançar

balé. A atriz Nívea Maria, também no programa, encorajou a colega de profissão: “Mas no palco você tem um molejo, uma malemolência, que parece que você dança bem”. Ingrid, por sua vez, diz que acabou buscando outro tipo de dança. Ela disse que sofria ao querer se adaptar: “Resolvi inverter a coisa: buscar uma dança que se adaptava ao meu jeito”.

Encontro com Fátima Bernardes do dia 18 de novembro de 2013 tratou do bullying em escolas. Foi realizada uma matéria com Danielle Aquino, que sofreu bastante por conta dos comentários sobre o seu excesso de peso. A repórter Aline Prado passou um dia com a entrevistada para conhecer a sua rotina. Foi a sua casa e depois ao encontro com o namorado no shopping. Em casa, Danielle conta que quando era mais “cheinha” não tinha namorado e, quando mudou de escola por conta dos problemas que enfrentava, resolveu emagrecer e conheceu o seu então namorado, Wallenstein Júnior. Segundo a entrevistada, ele a entende perfeitamente porque “sofreu do mesmo problema”: era gordo, sofreu bastante bullying na escola e resolveu emagrecer.

No programa, foi valorizada a capacidade de eles se reinventarem diante das adversidades. Ou melhor, saudou-se o modo como eles submeteram a si e a seus corpos às normas sociais vigentes de boa forma: ajustando-se para ser feliz e não sofrer mais preconceito. Desse modo, como venho demonstrando ao longo deste texto, há uma ambiguidade nessa positivação de experiências consideradas traumáticas: se por um lado produzem a necessidade de transformar o sofrimento com as adversidades no material que será internamente reciclado em prol do autoaprimoramento (Illouz, 2003: 230), por outro, naturaliza ou minimiza experiências drásticas de violência, preconceito, crime, catástrofe, guerra ou adoecimento, uma vez que elas serviram para comprovar ou exercitar a capacidade individual de superação.

É curioso nessa inserção que Danielle e o namorado não aceitam completamente o papel de heróis de si mesmo, caracterização bastante típica dos discursos midiáticos num contexto terapêutico (Sacramento e Frumento, 2015). Passeando no shopping junto com a repórter Aline Prado, ao ser perguntado se superou os problemas e se sente magro, o estudante contou: “O trauma fica para sempre. Toda vez que me olho no espelho, acho que estou com uma gordurinha aqui, uma ali. Estou sempre de dieta. Para a vida inteira, eu acho que vou sentir a sensação de ser gordo”. Danielle concorda com o namorado: “As sequelas [do bullying] ficam para sempre, até hoje, vinte anos depois”. Nesse sentido, diferentemente de outros testemunhos considerados, não há uma exemplificação de superação completa, mas uma incompletude. Por mais que exemplifiquem a conquista da magreza e do padrão corporal vigente, não conseguem esquecer-se do que sofreram quando eram gordos e ainda não conseguem se reconhecer como magros.

Depois da matéria, perguntado por Fátima Bernardes sobre “qual a lição que se aprende em casos como esses”, o psicanalista Francisco Daudt afirma o

seguinte: “Existe um componente que motiva o bullying e que em geral não é reparado. Esse componente é a inveja”. De maneira bem-humorada, o psicanalista se volta para o técnico de futebol Joel Santana e comenta: “O Joel conseguiu fazer com o bullying que sofreu uma reviravolta maravilhosa que deixou os invejosos se matando a facadas. Ele fez um jeito de rir de si mesmo, como de ganhar dinheiro”. O psicanalista se refere ao fato de o treinador, quando comandou a seleção da África do Sul entre 2008 e 2009, ter sido extremamente criticado e ridicularizado em sites na internet pela sua má pronúncia do inglês. O vídeo da entrevista dele em inglês após a derrota para o Brasil num jogo na Copa das Confederações de 2009 viralizou na internet. Diante de tamanha repercussão, ele conseguiu explorar financeiramente a sua famosa dificuldade de falar em inglês. Após estrear comerciais da Pepsi, empresa de bebidas, o treinador virou garoto-propaganda da Head & Shoulders, empresa especializada em produtos de cabelos. Assim, esquecendo-se dos relatos de Danielle e Wallenstein, que, apesar de magros, ainda sofrem pelo que passaram, na narrativa do programa privilegiou a história positiva de superação e conquista financeira.

A partir de 1980, com o lançamento do DSM-III e a identificação o transtorno de estresse pós-traumático como uma patologia mental, houve uma transformação radical do paradigma neurótico do trauma, que tinha até então indicado o indivíduo e não o trauma como o núcleo etiológico da síndrome surgida após eventos traumáticos: a resposta patológica se transforma em uma resposta normal a uma situação anormal, deslocando assim o foco para o trauma externo que faz com que uma vítima sofra com um trauma. Como consequência, na clínica, começa-se a se avançar na investigação de narrativas, experiências e traços de personalidade existentes antes do evento, mas que foram alterados por conta do evento traumático.

Assim, o trauma parece ser o único atributo de uma incompatibilidade entre um indivíduo normal e um evento extraordinário. A classificação nosográfica de estresse pós-traumático criou as condições para que o trauma fosse governado por um regime que certifica a autenticidade dos sintomas de angústia, como prescrito pelo DSM-III, consagrando o papel de vítima e produzindo uma ética pública psicologizada. Embora o trauma seja visto como uma articulação entre uma cadeia de eventos psíquicos e seus contextos, bem como entre o sujeito e o sentido atribuído posteriormente à situação vivida por conta de um dano emocional desenvolvido, contemporaneamente, observamos uma definição genérica de trauma na terminologia clínica e na linguagem cotidiana, associada a um vasto conjunto de sintomas, situações e de representações pré-definidos. Como um transtorno psicológico que ocorre em resposta a um evento estressante de natureza excepcionalmente ameaçadora, dolorosa ou catastrófica, o trauma vem sendo definido pela duração da situação estressante, pela extensão do acontecimento na vida do afetado, pelas mudanças no humor e a ansiedade, pela sucessão ou multiplicidade de experiências

traumáticas, pela falta de preparo para lidar com a situação e pelo desamparo para lidar com os problemas. Desse modo, a expansão da noção e da experiência do trauma faz com que uma diversidade de situações seja definida como traumática, mas o torna um ponto biográfico nodal: a partir dele “os indivíduos estabelecem a narrativa sobre suas próprias vidas” (Fassin e Rechtman, 2009: 412), no antes e no depois de experiência desafortunada, mas também sobre o seu durante, sobre o próprio acontecimento traumático.

O trauma se generaliza numa cultura marcada pelo discurso terapêutico e passa a definir uma ordem diversificada de eventos como acidentes, doenças, separações, abusos, violências, discriminação, transtornos psicológicos e assim por diante. Enquanto a felicidade ou a superação é característica de um sujeito ativo e pleno de capacidade de autogestão, o discurso terapêutico na cultura contemporânea produz sujeitos que se sentem em diversas experiências da vida cotidiana (casamento, separação, escola, trabalho, reunião familiar) vulneráveis, frágeis ou em riscos de perderem a si mesmos diante de um mundo repleto de adversidades e tormentas (Furedi, 2004). Assim, é produzido pelo discurso contemporâneo uma compreensão cada vez mais generalizada da própria vida como uma “disfunção generalizada” (Illouz, 2011: 77). Embora a narrativa terapêutica seja particularmente adequada ao gênero autobiográfico, ela o transforma significativamente: na autobiografia terapêutica, “a identidade é descoberta e expressa na experiência do sofrimento e na compreensão dos sentimentos que se adquire ao contar a história” (Illouz, 2011: 78). É uma narrativa que torna o sofrimento como o ponto de partida para a reconquista da possibilidade de superação.

O programa *Encontro com Fátima Bernardes*, como estou mostrando, trabalha o trauma dentro de uma narrativa terapêutica biográfica. Por mais que invista na experiência de sofrimento (no relato sobre o acontecido), procura apresentar e enfatizar especialmente exemplos de superação. Nesse sentido, há uma nova qualificação moral da vítima. Não diz respeito apenas à ampliação da condição de vítima e do trauma a diversas situações cotidianas, mas opera uma nova exigência aos que sofreram: tornarem-se exemplos de superação para sofredores atuais ou futuros. Afinal, muito mais do que um dado clínico, o trauma tornou-se agora um julgamento moral. Em outros termos, é uma “marcação do perímetro das vítimas legítimas em relação às ilegítimas” (Fassin e Rechtman, 2009: 417). A legitimidade não apenas certificada pela autenticidade da experiência, mas também pela capacidade de gerenciamento de si em direção da recuperação das adversidades, sejam quais forem. A exigência por superar associa um conjunto diverso de acontecimentos (desaparecimento de filhos, violência doméstica, dificuldade de concentração, assalto, superstições e crendices) como sendo da ordem da capacidade individual de gerenciamento de habilidades, emoções e competências.

Discurso terapêutico e responsabilização: Fátima Bernardes como juíza da moral

No dia 28 de maio de 2014, o programa contou com a participação da modelo Amanda Griza e sua mãe, Helena Griza. A modelo ficou 17 dias presa na China, porque ela entrou no país com um visto de negócios e não com um visto de trabalho específico exigido. Antes da conversa, um vídeo mostra o reencontro emocionado entre mãe e filha. A imagem das duas abraçadas aos prantos contrasta com a condução narrativa da conversa entre as duas com a apresentadora Fátima Bernardes e a psicóloga Maria Tereza Maldonado. Depois de a mãe ter explicado que a situação se resolveu após ter conversado com um político conhecido, a apresentadora interveio:

FÁTIMA: Pois é, é uma história muito parecida com *Salve Jorge*. Não é o seu caso, mas é muito parecido: de alguém que viaja por meio de uma agência que não está com tudo em dia para receber essas jovens e vai trabalhar num país desconhecido. Você vê: uma família bem estruturada, uma menina com informação e que cai numa história dessa. Felizmente, a gente está aqui para contar, mas podia ter sido diferente.

FÁTIMA [dirigindo-se para a psicóloga]: Vou colocar a Maria Tereza nessa conversa. Que tipo de aprendizado, de cuidado, de trauma ela pode ter a partir de agora e de que maneira ela precisa se comportar, já que ela quer seguir com a carreira dela? O que ela pode fazer por ela mesma?

MARIA TEREZA: Investigar bem detalhadamente esse cenário, investigar outras contratações, quem já foi. Enfim, o que eu acho mais importante de tudo isso é ter esse suporte familiar para poder atravessar essa situação. Está tudo muito recente, mas enfrentar essa situação traumática nos fortalece, nos faz encontrar os recursos para enfrentar as dificuldades que a vida oferece a cada momento.

AMANDA: Uma coisa que eu quero ressaltar e quero que todo mundo saiba é que eu não sabia de onde tirar forças. Eu assinei um papel, dizendo que eu tinha que ficar lá por 30 dias e não sabia o que fazer para sair. E a força que eu tirei foi do amor que eu tenho pela minha família; eu nunca tive tanto amor acumulado dentro de mim. Eu não consigo sentir raiva, eu não consigo sentir ódio da agência por tudo que aconteceu. Eu, na verdade, só tenho a agradecer por tudo que eu passei lá. Eu aprendi muito. Eu quero dar mais valor às coisas. Eu tenho muito amor acumulado agora.

FÁTIMA: Que bom, que bom. Nós vamos falar de muitas coisas hoje, de família, de adversidades na família, mas o amor é o que é mais importante de se ter.

De maneira mais enfática, aqui a posição de Fátima Bernardes, mais uma vez, é de juíza da moral. Esse posicionamento é tomado pela apresentadora de modo ambíguo: ao mesmo tempo em que ela se senta ao lado das duas no sofá demonstrando solidariedade, compreensão e compaixão com a dor vivida por elas, de modo implícito, ela responsabiliza a família e, especialmente, a modelo por terem se deixado enganar. Ou seja, por serem bem informados, escolarizados e de classe média eles deveriam ter sido capazes de preverem o acontecimento desafortunado e de evitá-lo.

Desse modo, o espaço para o sofrimento na narrativa da conversa do programa fica restrito ao vídeo da chegada da modelo ao aeroporto de Florianópolis. O que toma lugar, primeiramente, é a afirmação do discurso neoliberal das recompensas pelas escolhas acertadas e feitas com responsabilidade e precisão para tornar a própria vida melhor e bem-sucedida (Binkley, 2011). Nesse momento, a apresentadora se coloca no lugar de árbitra, com um estatuto moral e discernimento superiores, uma vez que às duas lhas foi demonstrada a falta de habilidade em avaliar o certo ou o errado. Por isso, é dado pouco espaço para a modelo contar a sua própria história. Ela está sendo moralmente julgada pela apresentadora e analisada pela psicóloga.

Nesse momento, a fala da especialista traz uma nova dimensão à conversa: transformar o sofrimento em “recursos para enfrentar as dificuldades”. Ou seja, dentro da gramática da governamentalidade neoliberal, o indivíduo é moralmente responsável por trafegar pelo campo social, velando-se de cálculos de custo-benefício e escolhas racionais. Cobra-se o investimento no treinamento compulsório para o desenvolvimento pessoal e gestão de si.

O discurso terapêutico instaura um aumento desmedido na crença do poder pessoal, levando se definir a autoajuda mais como um poder pessoal do que a necessidade de aconselhamento. Nesse sentido, o investimento em si ou o empresariamento da vida de cada indivíduo é efeito de um tipo de pensamento que toma a empresa como modelo que oferece uma base para a solução dos problemas. Além disso, a empresa é considerada, na racionalidade neoliberal, como um modelo ideal de conduta para o indivíduo, já que ela é tida como símbolo de eficácia, de cálculo objetivo e de iniciativas inovadoras. A vida do indivíduo não tem de apenas se inscrever como vida individual no âmbito de uma empresa, mas pode se inscrever numa multiplicidade de empresas encaixadas e entrelaçadas. Além disso, a maior mudança diz respeito ao fato de a própria vida do indivíduo – como, por exemplo, sua relação consigo mesmo, com o futuro, com sua propriedade privada, com sua família, com seus amigos, com o grupo social – ter de fazer dele algo como uma espécie de empresa múltipla e permanente (Foucault, 2008: 331-332).

A remodelação da sociedade seguindo o modelo da empresa instaura a forma econômica do mercado (com suas avaliações de oferta e de demanda, seus cálculos de custos e benefícios, suas estratégias para conquista da competência) faz com que haja a formação de subjetividades marcadas por um individualismo competitivo (consigo

mesmo, na busca por autossuperação, e com outros, pela lógica concorrencial). Essa moralidade individualista produz as subjetividades contemporâneas e as relações sociais como microcosmos de negócios, em que se valorizam as habilidades e competências para obter benefícios, não apenas econômicos, mas também psíquicos e sociais.

Sam Binkley (2010), baseado em Foucault, ressalta ainda que o discurso do “ser feliz” se configura sobre o alicerce do governo de si. Isto é, colocar-se como sujeito do empreendimento neoliberal, sujeito que é fruto da sua própria autonomia, tornou-se a norma da condução da existência, em que “a felicidade é uma tarefa, um regime, uma incumbência diária na qual o indivíduo modela suas próprias emoções da mesma forma como um guru do fitness modela um determinado grupo muscular” (Binkley, 2010: 102).

Além disso, a mídia se instaura como lugar de exercício do programa da governamentalidade neoliberal, ao normatizar em livros, programas de televisão e notícias de jornal a obrigação da felicidade, propondo que consumidores interroguem e problematizem hábitos emocionais infelizes, pensamento e comportamentos correlatos, envolvendo “práticas individuais de autogoverno na lógica centrada na otimização do desempenho e na expansão do controle” (Prado, 2013: 120). Afinal, nesse regime, “a felicidade resulta das buscas cognitivas das pessoas” (Binkley, 2010: 86).

Novamente no programa *Encontro com Fátima Bernardes*, o acontecimento desafortunado se torna dentro da linguagem terapêutica uma possibilidade de recuperação. Nesse caso, é como se fosse uma nova chance para as vítimas reconhecerem que elas mesmas são responsáveis pelos seus sofrimentos e criarem estratégias para mudarem e terem mais sucesso nas suas escolhas. Fátima Bernardes, por exemplo, ao se voltar para a psicóloga, coloca o trauma, o aprendizado e o cuidado no mesmo campo semântico, o que demonstra mais uma vez a minimização ou naturalização da experiência traumática. Ela passa a ser encarada como teste para que os sujeitos provem a sua capacidade de autogestão eficaz. O acontecimento chega ainda a ser atenuado diante da comparação com a telenovela *Salve Jorge*, sutilmente esvaziando o caráter trágico da experiência.

Quando a própria modelo retoma a palavra, há pouco espaço para as lágrimas em seu testemunho. Ela procura se enquadrar na recomendação da psicóloga e já entende a situação que viveu como um aprendizado para a sua vida. Assim, quando a modelo reconhece a sua posição de sujeito dentro do programa (como responsável pelo seu sofrimento e como testemunha da necessidade do cálculo racional para evitar riscos), a apresentadora encerra a conversa, levanta-se e passa para outro tópico do programa: “Que bom, que bom. Nós vamos falar de muitas coisas hoje, de família, de adversidades na família, mas o amor é o que é mais importante de se ter”.

Nessa construção narrativa, o programa *Encontro com Fátima Bernardes* está bastante conectado com um dos mais importantes talk shows da história da televisão mundial. Em *The Oprah Winfrey Show*, investiu-se em conversas que permitem

lições de autoajuda e aconselhamento para os telespectadores por meio de histórias de superação, mas também em muitos momentos a apresentadora se coloca, como Fátima Bernardes, no papel de juíza da moral.

Considerações finais

É traço comum aos talk shows no contexto contemporâneo a transformação do procedimento psicanalítico de “cura pela fala” numa exposição midiática do eu (Rothe, 2011). A maior parte dos estudos sobre as relações entre os talk shows e o discurso terapêutico asseguram que a forma enunciativa privilegiada na personalização da narrativa é a confissão. Afirma-se, em geral, que há um imperativo por confessar, ou pelo menos de se envolver em autorrevelações, nesses programas (Dovey, 2000; King, 2012; Illouz, 2003; Peck, 2008; Shattuc, 1997; White, 1992). Ou seja, a maior parte dos trabalhos insiste que os talk shows são programas confessionais.

Nas últimas décadas têm se visto um aumento bastante considerável de programas baseados na exposição pública de sentimentos. Assim, há cada vez mais programas trazendo pessoas comuns e celebridades para narrarem suas emoções. Nesse sentido, como identifiquei a maior parte dos estudos, identificam uma articulação de estratégias confessionais com práticas terapêuticas. No entanto, esses trabalhos não aprofundam aspectos acerca das estruturais mudanças da confissão. Não se trata mais da confissão como autoexame da conduta individual, de modo a revelar um erro ou uma falha na confissão católica, ou um crime cometido na jurídica, ou ainda perceber-se desviante e necessitante de tratamento mediado pelo médico ou pelo psicólogo na confissão clínica. A prática confessional se reestrutura dentro de regimes midiáticos de visibilidade, tendo como principal objetivo a constituição de um relato alterdirigido que evade detalhes da vida pessoal como performance da conquista da saúde emocional: poder falar sobre o que passou (Illouz, 2012).

Certamente, uma parte essencial das estratégias de determinados talk shows para encontrar a autoestima, buscando generalizar e popularizar um conjunto de mecanismos terapêuticos para o enfrentamento e superação de problemas. Assim, esses programas se sintonizam com terapias de autoajuda, profissionais *psi* e apresentam alguém para relatar como superou o abuso de drogas, o adultério, o racismo, determinados sintomas psicóticos e assim por diante.

Diante disso, acredito que as narrativas autobiográficas de celebridades e indivíduos comuns em programas como *Encontro com Fátima Bernardes* são predominantemente testemunhais, uma vez que relatam a superação de suas experiências ditas traumáticas, como terem sido vítimas de preconceito, violência, doenças físicas ou mentais, de catástrofes, acidentes e outros acontecimentos (Nudelman, 1997; Sacramento, 2015; Vaz, Santos e Andrade, 2014). O testemunhal tem, sobretudo,

uma função de exemplificação e de prova da capacidade de mudança e de superação motivada por uma crença, pela fé, pelo amor próprio, pela vontade de viver.

Assim, o testemunho recorrentemente assume uma dimensão moralizante. O testemunho também é um relato sobre uma experiência vivida. A banalização da experiência traumática no cotidiano e a espetacularização dela em testemunhos em programas de TV constituem o processo acelerado de psicologização da vida contemporânea. Já a confissão envolve, como sabemos, necessariamente o reconhecimento de um erro, falha ou problema. Processa-se como um autoexame para se descobrir a verdade sobre si mesmo mediado pelo discurso médico, jurídico ou religioso (Foucault, 1988).

No programa, relatos pessoais em forma de conversa assumem uma forma testemunhal, na medida em que a apresentadora orquestra os debates em seções. Em cada uma delas, há um tópico sobre o qual um único convidado ou um pequeno conjunto de convidados são convocados a falar sobre a sua experiência. Os especialistas (psicólogos, terapeutas ou médicos) comentam os acontecimentos dando dicas e conselhos para como superar o sofrimento, para continuar superando-o ou para evitar que o retorno dele. Logo depois, o foco muda e entra outro assunto. Muitas vezes, numa mudança de bloco, as celebridades e os especialistas convidados continuam no sofá do programa, mas as “pessoas comuns” (os sujeitos de uma experiência destacada) são mudadas.

Nesse sentido, fica evidente o caráter testemunhal. As experiências traumáticas consideradas pelo programa são enquadradas dentro de uma narrativa de redenção progressiva: do sofrimento à superação, motivada por mudanças de comportamento. Em todo caso, parece haver a necessidade de configurar uma lição moral para a conduta. A marcação da narrativa em direção à extração de ensinamentos e modelos de ação por meio de situações adversas é função, sobretudo, da apresentadora do programa. Os testemunhos são como provas de que a sobrevivência aos infortúnios se deve ao gerenciamento eficaz de si, o que garante se evitar os riscos de sofrer (adoecer, passar por situações de bullying, tornar-se infeliz, ter o filho sequestrado ou desaparecido, ser preso e assim por diante).

No caso dos testemunhos sobre eventos de violência extrema, de sobreviventes do Holocausto ou de ditaduras, é comum haver a ideia de que eles atestam a necessidade da lembrança do que ocorreu para que se impeça o esquecimento dos horrores vividos. Nesse contexto, a primeira pessoa do testemunho expressa uma coletividade, substituindo outros, não de modo vicário, como representante, mas porque “não morreu no lugar de quem morreu” (Sarlo, 2005: 35). Se, como demonstrei, o trauma também expandiu seu raio de abordagem na contemporaneidade, o testemunho também se ampliou.

A memória das tragédias conta com uma dimensão coletiva. Está num modo como um grupo pode fundar a sua identidade em relação a um passado de extrema

violência e dor, tornando-se uma “memória do sofrimento compartilhado” (Candau, 2012: 151). Se o século XX inaugurou uma “era dos testemunhos” (Wieviorka, 2002) por conta das catástrofes, guerras e genocídios ocorridos, abrindo amplo espaço para os relatos pessoais, estamos vivendo desde os anos 1980 uma generalização crescente de memórias e experiências traumáticas (Huysen, 2000).

Nos casos analisados neste artigo, é possível observar o quanto testemunho assume uma dimensão extremamente individualizante. A conexão com a coletividade menos se dá pela identificação com outros sofredores do que pelo estímulo àqueles que padeçam algum mal pela busca do sucesso individual, superando os sofrimentos com autoestima, autoconhecimento e, sobretudo, autogerenciamento emocional. Além disso, essa centralidade da autogestão das emoções na cultura contemporânea permite observar o quanto se torna relevante a sensação de capacidade individual plena para manipular o próprio bem-estar, transformando a felicidade menos numa “consequência colateral da busca de algum fim comunal superior” do que numa responsabilidade que deve ser assumida por cada indivíduo (Rieff, 1996: 13).

Como demonstrei, saber transformar as experiências de sofrimento em oportunidades para identificar os problemas em si mesmo e mudar a própria vida parece ser a solução para o trauma em *Encontro com Fátima Bernardes*. Desse modo, enquanto a confissão clínica envolve um conjunto de processos de individualização que incluem exames pessoais, técnicas de estudo de caso, documentação geral e recolha de dados pessoais, esquemas interpretativos, uma série de técnicas terapêuticas para dirimir ou normalizar transtornos e sofrimentos psíquicos, uma nova forma de revelação pública da intimidade, que prescinde dos espaços de intimidade da terapia psicanalítica (Breuer e Freud, 1969), assume o prosclênio das formas enunciativas contemporâneas de narrativas de si. Na televisão – especialmente em programas como *Encontro com Fátima Bernardes* –, essas narrativas muito menos procuram o reconhecimento de um problema por meio da auto-inspeção típica do longo processo de confissão e escuta terapêuticas (Foucault, 2006) do que se tornam testemunhos da superação de problemas. São testemunhos que, em geral, aconselham modos de se ter uma vida feliz ou de (re)estabelecer a felicidade como normalidade pelas telas do espetáculo midiático.

Igor Sacramento

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Recebido em fevereiro de 2017.

Aprovado em janeiro de 2018.

Referências

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BINKLEY, Sam. A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal. In: FREIRE FILHO, J (Org.). *Ser feliz hoje: sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 83-104.
- _____. Psychological life as enterprise: social practice and government of neo-liberal interiority. *History of the Human Sciences*, vol.24, n.3, p.83-102, 2011.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DOVEY, Jon. *Freakshow: first person media and factual television*. London: Pluto, 2000.
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. *The empire of trauma: an inquiry into the condition of victimhood*. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- _____. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FUREDI, Frank. *Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age*. Londres: Routledge, 2004.
- HAGEN, Sean. O casal 20 do telejornalismo e o mito da perfeição: como a mídia constrói a imagem dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos e mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.
- _____. *Oprah Winfrey and the glamour of misery: an essay in popular culture*. New York: Columbia University Press, 2003.
- KING, Barry. Stardom, celebrity and the para-confession. In: REDMOND, Sean (org.). *The star and celebrity confessional*. Londres: Sage, 2012, p.2-18.
- NUDELMAN, Franny. Beyond the talking cure: listening to female testimony on the Oprah Winfrey Show. In: PFISTER, Joel e SCHONOG, Nancy (orgs.). *Inventing the psychological*. Yale: Yale University, 1997, p. 297-316.
- PECK, Janet. *The age of Oprah: cultural icon for the neoliberal era*. Paradigm Publishers, 2008.
- PRADO, José Luiz Aidar. *Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais*. São Paulo: EDUC, 2013.
- RIEFF, Philip. *The triumph of the therapeutic: uses of faith after Freud*. Nova York: Harper & Row, 1996.
- ROTHER, Anne. *Popular trauma culture: selling the pain of others in the mass media*. Londres: Rutgers University Press, 2011.
- SACRAMENTO, Igor; FRUMENTO, Eduardo. O câncer nas biografias sobre José Alencar: a construção de um ethos heroico. *Revista Fronteiras (Online)*, v. 17, p. 374-385, 2015.
- SACRAMENTO, Igor. Tornando a dor visível: o ethos terapêutico em narrativas testemunhais de celebridades sobre o câncer. *Ciberlegenda (UFF Online)*, v. 32, p. 109-122, 2015.
- _____. e BORGES, Wilson Couto. Confiança e sinceridade numa enunciação midiaticizada: o ethos testemunhal de Fábio Assunção e o abuso de drogas. In: OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés e GRÁCIO, Rui. (Orgs.). *Retórica e comunicação multidimensional*. Coimbra: Grácio Editor, 2017.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SHATTUC, Jane. *The talking cure: TV talk shows and women*. Nova York: Routledge, 1997.

SILVA, Fernanda Mauricio. Convenções históricas do talk show brasileiro. *Revista Eco-Pós (Online)*, v. 16, p. 191-204, 2013.

VAZ, Paulo; SANTOS, Amanda; ANDRADE, Pedro Henrique. Testemunho e subjetividade contemporânea: narrativas de vítimas de estupro e a construção social da inocência. *Lumina (UFJF Online)*, v. 8, p. 1-33, 2014.

WHITE, Mimi. *Tele-advising: therapeutic discourse in American television*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1992.

WIEVIORKA, Annette. *L'ère du témoin*. Paris: Hachette littératures, 2002.

Notas

1. Este texto é uma versão revista do trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Televisão do XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, de 7 a 10 de junho de 2016. Agradeço aos colegas comentários e pela discussão, bastante estimulante para a reescritura. A produção deste artigo é um dos resultados da pesquisa “Diante da dor dos célebres: o ethos terapêutico em testemunhos televisivos de sofrimentos íntimos”, que foi contemplada pelo edital Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (MCTI/CNPQ/ MEC/CAPES n.22/2014). A coleta de dados para este artigo foi realizada pela bolsista de iniciação científica Jaqueline Esteves Ruiz (ECO/UFRJ).

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as manifestações do discurso terapêutico no programa *Encontro com Fátima Bernardes* entre 2012 e 2015 nos relatos pessoais de celebridades e anônimos sobre experiências traumáticas. A análise busca demonstrar a constituição de um ethos testemunhal que se baseia na produção da autenticidade do relato pelo sofrimento. Numa cultura marcada pelo discurso terapêutico, a fala sobre si no programa reinscreve o deslocamento do problema individual ao coletivo pelo clamor de representação por meio de voz, corpo e presença que se tornam midiaticamente públicos por exemplificarem os desígnios atuais de autoestima, autoaprimoramento e superação num clima de leveza, informalidade e descontração. Nesse sentido, enquanto o trauma é menos o que interdita uma cadeia representacional de acontecimentos passados do que aquilo que se supera, o testemunho é a forma privilegiada de exposição dos acontecimentos desafortunados, transformando os sofredores em exemplos de sobrevivência.

Palavras-chave

Televisão. Talk-show. Trauma. Testemunho. Memória.

Abstract

The objective of this article is to analyze the manifestations of the therapeutic discourse in the program *Encontro com Fátima Bernardes* between 2012 and 2015 in the personal reports of celebrities and anonymous about traumatic experiences. The analysis seeks to demonstrate the constitution of a testimonial ethos that is based on the production of the authenticity of the account by the suffering. In a culture marked by therapeutic discourse, talk about itself in the program reinscribes the displacement of the individual problem to the collective by the clamor of representation through voice, body and presence that become mediatically public for exemplifying the current designs of self-esteem, self-improvement and self-improvement in a climate of lightness, informality and relaxation. In this sense, while trauma is less what forecloses a representational chain of past events than what is overcome, witnessing is the privileged way of exposing unfortunate events, transforming sufferers into examples of survival.

Keywords

Television. Talk Show. Trauma. Testimony. Memory.